

## ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA: EXPERIÊNCIAS INCLUSIVAS NO PIBID LETRAS-LIBRAS (UFMG)

Eva dos Reis Araújo Barbosa <sup>1</sup>  
Karina Andreia Nascimento Cassimiro <sup>2</sup>  
Sueli Pereira <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2) para alunos ouvintes dos anos finais do Ensino Fundamental, destacando a importância desse processo para a promoção da inclusão escolar e do respeito à diversidade linguística e cultural. A pesquisa, de natureza qualitativa e com abordagem exploratória e descritiva, é desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), desenvolvido no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e implementado em duas escolas públicas de Belo Horizonte/MG. O estudo analisa trechos dos diários de campo de bolsistas do programa, que acompanham oficinas de Libras ministradas por professoras surdas, que como supervisoras do projeto. As atividades promovem o contato direto entre alunos ouvintes e alunos surdos, estimulando a comunicação por meio da Libras e fortalecendo práticas inclusivas no ambiente escolar. Os relatos demonstram que o ensino da Libras como L2 favorece o desenvolvimento da empatia, da consciência crítica e da valorização da diversidade linguística. Destaca-se o papel das professoras surdas como referências culturais e linguísticas, além da importância do envolvimento dos bolsistas na formação docente voltada à realidade da escola pública.

**Palavras-chave:** Aprendizagem da Libras como L2, Formação de Professores, Inclusão, Pibid.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2) para alunos ouvintes da educação básica. No Brasil, a Libras foi oficialmente reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda por meio da Lei nº 10.436, de 2002. No entanto, apesar desse reconhecimento, a Libras ainda não é amplamente oferecida nas escolas como disciplina curricular, diferentemente do que ocorre com idiomas estrangeiros, como o inglês e o espanhol.

<sup>1</sup> Docente do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [evalibras@gmail.com](mailto:evalibras@gmail.com). Coordenadora de área do Pibid Letras-Libras da UFMG.

<sup>2</sup> Graduada no Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [kakandreia1979@gmail.com](mailto:kakandreia1979@gmail.com). Professora-supervisora do Pibid Letras-Libras da UFMG.

<sup>3</sup> Graduada no Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [susupereira2003@gmail.com](mailto:susupereira2003@gmail.com). Professora-supervisora do Pibid Letras-Libras da UFMG.



Este fato evidencia um desencontro entre a legislação e a prática educacional nas escolas brasileiras, visto que a ausência da disciplina de Libras no currículo escolar acaba dificultando a interação entre alunos surdos e ouvintes e a promoção de uma real inclusão, a partir do contato com a diversidade linguística e do respeito às diferenças culturais.

Nesse sentido, o objetivo principal deste artigo é apontar os benefícios do ensino da Libras para alunos ouvintes, por meio da análise de alguns trechos de diários de campo dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), do curso de Letras-Libras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), produzidos a partir da sua observação de oficinas de Libras ministradas por duas professoras-supervisoras que fazem parte do projeto.

O Pibid “é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência”, contribuindo, assim, “para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira”<sup>4</sup>.

Na UFMG, o Pibid Letras/Libras teve início em novembro de 2024, sendo a primeira vez que o curso de Licenciatura em Libras integra o Programa, sendo um avanço para a formação dos futuros professores, para a difusão e o ensino da língua nas escolas mineiras, principalmente as que fazem parte do entorno da universidade. Nessa primeira edição do Pibid Letras-Libras (UFMG), estão atuando 24 bolsistas, graduandos do curso, 3 professores supervisores de escolas públicas da educação básica, nas quais a Libras é ensinada a alunos(as) surdos(as) e ouvintes, além de uma professora coordenadora, docente do curso de Letras/Libras.

Diante do exposto, este trabalho justifica-se por abordar um tema de grande relevância social, que ainda carece de políticas educacionais eficazes voltadas à promoção de uma educação mais inclusiva e atenta às necessidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Após esta breve introdução, são apresentados a metodologia do estudo, o referencial teórico, os resultados e discussões, bem como as considerações finais.

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 10 jul. 2025.



## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), centrada na observação e análise de práticas pedagógicas no ensino da Libras como L2. O estudo é fundamentado na vivência concreta de oficinas de língua de sinais, com a participação direta de alunos ouvintes dos anos finais do Ensino Fundamental, aprendizes de Libras como L2, e de alunos surdos, usuários dessa língua como L1, sendo apresentados e analisados trechos dos diários de campo dos pibidianos envolvidos no projeto em questão.

As oficinas de Libras são ministradas por duas professoras-supervisoras que participam do Pibid Letras-Libras (UFMG), e atuam em duas escolas públicas regulares da Educação Básica. Durante as oficinas, os alunos também são acompanhados por bolsistas do Pibid, os quais são estudantes do curso de Letras-Libras da UFMG, contando com a coordenação e a orientação de uma professora coordenadora de área, que é docente do curso.

Neste sentido, apresentamos, nesta seção, como se dá a metodologia de realização das oficinas de Libras, de acordo com cada uma das duas escolas de Educação Básica que recebem os bolsistas do Pibid Letras-Libras (UFMG). Além disso, citamos as técnicas e os instrumentos de coleta de dados e a forma como esses serão descritos e analisados neste trabalho.

### **Escola 1 - Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental**

A Escola Municipal Antônio Salles Barbosa é uma instituição da rede pública de ensino, na cidade de Belo Horizonte\MG, que atende estudantes do Ensino Fundamental II, situada em uma comunidade com características urbanas e diversidade sociocultural. A escola busca constantemente promover práticas inclusivas, valorizando a convivência respeitosa e o desenvolvimento de todos os alunos.

A turma do 8º ano C, na qual o Pibid Letras-Libras (UFMG) foi implementado, apresenta um perfil participativo e curioso, demonstrando interesse por temáticas que envolvem a inclusão e o respeito às diferenças. A presença de um aluno surdo na turma





despertou a necessidade de promover ações que favorecessem a comunicação, a interação e o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes surdos e ouvintes. Foi nesse contexto que surgiu

o projeto da oferta de oficinas de Libras, implementado no início do segundo semestre letivo de 2024. As oficinas são desenvolvidas em um ambiente educacional formal e são ministradas pela professora de Libras da própria escola, que é surda e possui formação na área e experiência em Educação Inclusiva, a qual também atua como professora-supervisora do Pibid Letras-Libras (UFMG).

Durante as oficinas, são abordados conteúdos linguísticos e culturais da Libras, com base em uma abordagem comunicativa e interativa de ensino de L2. A metodologia adotada valoriza a aprendizagem por meio da experiência concreta e do contato direto com um usuário nativo da língua – o próprio aluno surdo. Essa vivência proporciona aos estudantes ouvintes não apenas o aprendizado da Libras, mas também a ampliação da empatia, da consciência inclusiva e da valorização da diversidade no ambiente escolar.

### **Participação do aluno surdo**

Como parte do processo metodológico, o aluno surdo é convidado a participar de diferentes momentos das oficinas, não apenas como receptor de atividades, mas como sujeito ativo e referência linguística para os alunos ouvintes. Em paralelo, são realizadas atividades pedagógicas específicas na biblioteca da escola, em que o aluno surdo acompanha a professora e os alunos ouvintes, aprendizes de Libras como L2, permitindo o desenvolvimento de práticas de letramento visual e a ampliação do vocabulário em Libras, em um espaço alternativo de aprendizagem. Essas atividades têm como objetivo estimular o uso da Libras em contextos reais e promover a interação autêntica entre os participantes.

Adicionalmente, é incluído no processo o uso de literatura surda, como contação de histórias visuais, poesias em Libras e narrativas culturais que valorizam a identidade surda. Esses elementos são utilizados como recurso didático para enriquecer o conteúdo das oficinas e contribuir para uma formação mais ampla e crítica dos alunos ouvintes em relação à cultura e comunidade surda.





## **Participação dos bolsistas Pibid**

Nessa primeira escola, três bolsistas do Pibid acompanham sistematicamente todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem da Libras como L2 nas oficinas. Eles atuam como observadores participantes, refletindo sobre as metodologias aplicadas e dialogando com a professora-supervisora sobre estratégias de ensino inclusivas. Além disso, os bolsistas realizam registros em diários de campo reflexivos, participam de rodas de conversa sobre as práticas observadas e são envolvidos em momentos de planejamento colaborativo.

Essa participação permite aos bolsistas vivenciarem na prática a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, proporcionando uma formação docente crítica, voltada para a realidade da escola pública e para os desafios do ensino de Libras como L2.

## **Escola 2 - Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental**

A Escola Estadual José Bonifácio, localizada em Belo Horizonte\MG, foi inaugurada em 1930. Inicialmente, foi criada como um grupo escolar e, ao longo dos anos, passou por diversas transformações, incluindo a oferta de formação de professores e a adoção da atual denominação. A escola possui um papel de destaque na inclusão escolar mineira, sendo referência, há alguns anos, no ensino de alunos surdos.

Atualmente, a escola atende um número menor de estudantes surdos, contudo, mantém a implementação de práticas educacionais inclusivas, visando proporcionar um ambiente de aprendizado acessível a todos os estudantes. As turmas acompanhadas pelos bolsistas do Pibid Letras-Libras (UFMG) são duas turmas do 6º ano (uma contendo apenas alunos ouvintes e a outra contendo também um aluno surdo não fluente em Libras, mas acompanhado por um profissional tradutor-intérprete), uma turma do 7º ano (contendo apenas alunos ouvintes), uma turma do 8º ano (contendo também um aluno surdo oralizado, com conhecimentos básicos de Libras) e uma turma do 9º ano (contendo apenas alunos ouvintes).





As oficinas de Libras são ministradas por uma professora surda da própria escola, fluente na língua de sinais e com formação e experiência na área, a qual também atua como professora-supervisora do Pibid Letras-Libras (UFMG). As oficinas são ministradas no período

da manhã, uma vez por semana em cada turma, em parceria com os docentes de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

As aulas são expositivas e práticas, ministradas com recursos visuais diversificados, valorizando, em cada aula, a soltura do corpo e das mãos para uma aprendizagem significativa. A gramática e o vocabulário são apresentados dentro de um contexto, com o objetivo de mostrar que a Libras tem as suas próprias regras e pode ser utilizada nos mais diversos espaços, para diferentes objetivos comunicacionais, assim como qualquer língua. O trabalho em grupo é centrado em todas as atividades propostas, visto que a interação/participação é a base sólida para a construção de uma aprendizagem recíproca e coletiva.

### **Participação dos bolsistas Pibid**

Nessa segunda escola, oito alunos pibidianos do curso de Letras/Libras da UFMG observam em duplas as aulas, fazem anotações em diários de campo, interagem com os aprendizes da Libras e mantêm um diálogo constante com a professora-supervisora, a fim de terem o contato com a prática docente e contribuírem para a realização do projeto na escola.

Além disso, são acompanhados pela coordenadora de área, participam de reuniões com o grupo, no qual apresentam suas experiências, aprendem e discutem temas que contribuem para sua formação como futuros professores de Libras.

### **Coleta e análise de dados**

Os dados desta pesquisa são parciais, visto que ela ainda está em andamento. Eles foram coletados por meio dos diários de campo preenchidos pelos estudantes bolsistas do Pibid Letras-Libras (UFMG), a partir de sua observação participante, contendo descrições detalhadas das aulas, interações e reflexões crítico-pedagógicas.





Por se tratar de uma breve descrição de uma pesquisa ainda não concluída, para este trabalho, selecionamos algumas amostras significativas dos diários de campo, os quais são apresentados e analisados a partir da perspectiva teórica a qual nos baseamos, em relação ao ensino de Libras como L2, e que apresentamos brevemente a seguir.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de aquisição/aprendizagem de uma L2 é bastante complexo, visto que envolve vários fatores, tais como “idade, gênero, interesse, aptidão, e fatores sócio-psicológicos como motivação, personalidade, atitude, estilo cognitivo, estratégico”, entre outros (GESSER, 2010, p. 34). Além disso, existem diferentes perspectivas que envolvem os conceitos de **aquisição** e **aprendizagem**. Neste trabalho, concordamos com a ideia de Krashen (1981 *apud* GESSER, 2010, p. 34), o qual

define aquisição como o processo “subconsciente”, onde a língua se desenvolveria informalmente sem a necessidade de instrução. É o entendimento do processo de aquisição da nossa língua materna. Já o segundo termo está relacionado com o processo “consciente” de se estudar uma dada língua. Na aprendizagem pressupõe-se um ensino formal enquanto que na aquisição a língua é adquirida naturalmente.

Levando em consideração que a Libras é uma língua, reconhecida no Brasil, ela é passível de ser aprendida como uma L2 por pessoas ouvintes. Pensado no público atingido pelo Pibid Letras-Libras (UFMG), composto por alunos ouvintes dos anos finais do Ensino Fundamental, o aprendizado dessa língua é de extrema importância, não apenas para a ampliação do conhecimento linguístico dos estudantes, mas principalmente para promover a interação e a comunicação de alunos surdos e ouvintes no ambiente de inclusão escolar.

De acordo com Morete, Rocha e Mendonça (2021, p. 2), “torna-se necessário que o aluno ouvinte tenha acesso a língua de sinais desde os anos iniciais de escolarização”, a fim de que possa “ter contato com [o] aluno surdo em sala de aula e em outros ambientes”. Os autores ainda discutem o fato de línguas estrangeiras, como o inglês e o espanhol, serem ensinadas nas escolas brasileiras há vários anos, contudo, ainda não existe esse mesmo compromisso com a Libras. A cada dia, “a proporcionalidade de pessoas surdas aumenta,[...]







tornando-se necessário [sic] uma sociedade com acessibilidade comunicacional” (MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 2).

Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Nesse sentido, o ideal seria que a Libras fosse incluída como disciplina obrigatória na grade curricular da educação básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, tal como ocorreu com a obrigatoriedade da inclusão dessa disciplina nos cursos de formação de professores, a partir do Decreto nº 5.626/2005:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005, s. p.).

Assim, a partir do aprendizado precoce da língua de sinais, “os alunos ouvintes aprenderiam a Libras desde o início de sua escolarização”, desenvolvendo-se na língua, ao longo dos anos, e tornando-se bilíngues, “de acordo com sua evolução e através do contato com o surdo” (MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 5). Esse contato, não apenas com colegas surdos, mas também com professores surdos, permitiria o convívio dos alunos ouvintes com a cultura surda e com a diversidade linguística, percebendo a surdez como uma diferença e não como uma deficiência. Essa visão se enquadra numa perspectiva socioantropológica da surdez, saindo de uma perspectiva médica e patológica para uma abordagem cultural e social (SKLIAR, 1997).

Portanto, devemos pensar o aprendizado da Libras pelos alunos ouvintes como algo que vai além do conhecimento de uma L2, mas que contribui para a formação de sujeitos mais conscientes das especificidades linguístico-culturais das pessoas surdas e que promovam sua verdadeira inclusão na sociedade, a partir da valorização, do respeito e do uso de sua L1.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos e discutimos o recorte realizado nos diários de campo dos bolsistas do Pibid Letras-Libras (UFMG), a partir da observação deles em sala de aula, no momento das oficinas de Libras ministradas pelas professoras-supervisoras do projeto. Por questões didáticas, dividimos esta seção em duas partes, levando em consideração a Escola 1 e a Escola 2, conforme descritas na seção de Metodologia.





## Relatos da Escola 1

Para discussão e análise dos dados da Escola 1, selecionamos alguns trechos dos diários de campo de dois dos três bolsistas que participam do projeto nessa instituição, sendo identificados como Bolsista 1 e Bolsista 2.

Em relação à interação entre os alunos ouvintes, o aluno surdo e a professora surda, durante a oficina de Libras observada, o Bolsista 1 diz o seguinte:

*Foi observado que o aluno surdo interagia ativamente com a professora e com os colegas, pois a aula era em Libras sua primeira língua (L1), demonstrando autonomia e compreensão do conteúdo.*

O Bolsista 2 também cita a interação proporcionada pela Libras no ambiente escolar, até mesmo com o docente de outra disciplina:

*Hoje participamos da aula de português, o professor disponibilizou 15 minutos para a professora fazer uma oficina com os alunos, ensinando alguns sinais para que possam se comunicar com o aluno surdo. Foi muito legal ver o interesse dos alunos em aprender [...], até o professor tentou fazer os sinais, foi um momento maravilhoso.*

As observações realizadas pelos bolsistas confirmam a percepção de Morete, Rocha e Mendonça (2021, p. 5), ao afirmarem que, para que a inclusão do aluno surdo ocorra sem prejuízos, “é necessária uma educação bilíngue e acessibilidade comunicacional”, o que pressupõe “que todos precisam estar preparados para se comunicar com esse sujeito: professor, alunos e demais profissionais da escola”.

O Bolsista 1 também enfatiza a importância do ensino da Libras como L2 para promover a comunicação, dizendo que:

*A mediação da professora foi essencial para promover a comunicação entre todos, reforçando a importância do ensino da Libras como segunda língua no ambiente escolar.*

Essa percepção do bolsista novamente corrobora com o que defendem Morete, Rocha e Mendonça (2021, p. 6), quando afirmam que “esse trabalho de preparação para inclusão e





ensino de uma segunda língua já deveria ser introduzido desde os anos iniciais, assim, facilitaria o contato, seja direta ou indiretamente, com as diferenças/deficiências”.

Sobre o ensino da Libras como L2, o Bolsista 2 cita o papel da professora surda como referência não somente para o aluno surdo, mas também para os alunos ouvintes, que demonstram grande interesse em aprender a língua de sinais:

*[...] tem algo bom que é ter uma professora surda na escola, pois é uma referência tanto para o aluno surdo quanto para os alunos ouvintes, pois ficam curiosos e, quando começam a aprender, ficam cada vez com mais sede de aprender a língua de sinais.*

A respeito do papel do professor surdo no ensino da Libras, tanto como L1 quanto como L2, Gesser (2006, p. 199) aponta sua importância para “tornar sensível aos alunos ouvintes não só a língua”, ou seja, a Libras, “mas a cultura e a história do surdo, mostrando à sociedade em que todos (surdos e ouvintes) vivemos a necessidade de criar uma tradição para o ensino dessa língua, para que a sua legitimação aconteça de fato”.

Por fim, o Bolsista 1 aponta o papel da Libras para a promoção de um ambiente escolar acessível e verdadeiramente inclusivo, a partir da valorização e do respeito às diferenças linguísticas em sala de aula:

*Foi evidente o esforço em tornar o ambiente acessível e acolhedor, respeitando a diversidade linguística dos alunos.*

Essa percepção do bolsista comprova ainda mais a urgência da inserção da disciplina de Libras no currículo obrigatório da Educação Básica, de modo a “permitir que os educandos tenham contato com outra cultura, com as diversidades e aprendam a respeitar as diferenças” (SILVA, 2016 *apud* MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 7).

## **Relatos da Escola 2**

Para discussão e análise dos dados da Escola 2, selecionamos alguns trechos dos diários de campo de dois dos oito bolsistas que participam do projeto nessa instituição, sendo





identificados como Bolsista 3, Bolsista 4 e Bolsista 5, sendo que os Bolsistas 4 e 5 atuam em duplas e, por isso, produzem juntos seus diários de campo.

Em relação à interação entre os alunos ouvintes, a professora surda e o professor regente de sala de aula, o Bolsista 3 aponta a importância da Libras para promover um ambiente escolar inclusivo, ao dizer que:

*A professora orientou todos os alunos de forma atenta, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo. O professor regente também participou ativamente, colaborando com o desenvolvimento da atividade.*

Essa observação do bolsista demonstra que, além do professor de Libras e dos alunos ouvintes, é essencial que os demais professores e funcionários da escola também aprendam a língua de sinais, de modo que os alunos surdos “tenham a Libras como língua materna e possam exercer sua cidadania” (MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 8).

Os Bolsistas 4 e 5 apontam o interesse dos alunos ouvintes ao aprenderem a Libras como L2, confirmando a importância do ensino dessa língua no ambiente escolar:

*Durante a oficina de caça-palavras com o tema "sentimentos", observou-se que os alunos demonstraram interesse e curiosidade em participar da atividade.*

Essa questão também é citada pelo Bolsista 3, ao descrever a participação dos alunos ouvintes na oficina observada:

*A participação da turma foi positiva: alguns demonstraram interesse em observar os colegas sinalizando e até colaboraram na ajuda e nas correções.*

O aprendizado da Libras como L2, portanto, também se torna um fator relevante para a motivação do aluno surdo, “quando percebe que seus colegas de sala sabem ou estão aprendendo sua língua, que podem se comunicar sem constrangimento, brincar, trabalhar em grupo e se ajudarem” (MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 7).

Por fim, os Bolsistas 4 e 5 confirmam a falta de recursos para o ensino da Libras, que não apresenta, na maioria das vezes, o mesmo comprometimento observado no ensino de outras línguas, como inglês e espanhol:

*Ensinar Libras como segunda língua (L2) para alunos ouvintes pode se tornar uma experiência muito mais significativa quando há apoio efetivo da escola e do sistema educacional. A presença de recursos visuais e materiais pedagógicos adequados é*





*fundamental, especialmente quando o ensino é conduzido por um profissional, uma professora surda. Oferecer condições mínimas, como um ambiente preparado para a comunicação visual, contribui diretamente para que os alunos compreendam melhor essa língua e se sintam mais envolvidos no processo de aprendizagem.*

Nesse sentido, a percepção dos bolsistas nas oficinas observadas aponta para uma questão muito importante: “a verdadeira inclusão “acontece quando há materiais necessários e profissionais preparados para atender indivíduos e suas deficiências” (MORETE; ROCHA; MENDONÇA, 2021, p. 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou a importância da Libras como L2 no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no contexto da educação básica. Através das experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) Letras-Libras, foi possível observar como a inserção de práticas pedagógicas inclusivas contribui significativamente para a construção de uma escola mais acessível e equitativa.

As atividades realizadas com alunos ouvintes mostraram que o contato com a Libras promove não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também uma maior valorização da cultura surda e da diversidade. Além disso, o envolvimento dos bolsistas do Pibid permitiu uma reflexão crítica sobre a formação docente e o papel do professor como mediador de saberes plurais.

Conclui-se que iniciativas como o Pibid são fundamentais para a consolidação de políticas educacionais inclusivas, ao mesmo tempo em que fortalecem o compromisso ético e social da universidade com a educação pública. Reafirma-se, portanto, a necessidade de ampliar o espaço da Libras nos currículos escolares, não apenas como instrumento de comunicação, mas como linguagem que enriquece as relações humanas e promove a inclusão.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas concedidas ao Pibid Letras-Libras (UFMG).





## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 28, 23 dez. 2005.

GESSER, Audrei. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”:** ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. 2006. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em Libras como L2.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORET, Márcia Cristina Florencio Fernandes; ROCHA, Alexia Cabezas da; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues Mendonça. A necessidade da disciplina de Libras no ensino fundamental. **Iniciação & Formação Docente**, v. 8, nº 4, p. 829-848, 2021.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

